



A minha vida é um cruzeiro

Há pessoas que fazem do oceano a segunda casa, quem seja “viciado em cruzeirite” e já tenha feito mais cruzeiros do que aqueles de que se consegue lembrar. TEXTO DE KATYA DELIMBEUF

Costuma dizer que o que mais gosta quando embarca num cruzeiro é o facto de não o poderem chatear. Quem o ouve fica meio desconcertado, tentando perceber se ele estará a falar a sério ou a brincar. Nem uma coisa nem outra. O arquitecto João Martinez dos Santos adora embarcar e cruzar o Atlântico. Mas preza, sobretudo, a ideia de subir a bordo de algo que não pode voltar para trás nem ser interrompido.

Todos os anos faz uma média de sete cruzeiros, que já lhe deram a conhecer os cerca de 34 países que consegue enumerar assim de repente. O seu único requisito é que o camarote tenha banheira, “para poder chapinhar à vontade, como um pato”.

João Fernando Martinez dos Santos tem ar de barão antigo, lenço de seda no colarinho, rematado por uma ametista de família e um medalhão de D. Maria I ao pescoço. Entre os dedos, um charuto arde permanentemente, entre baforadas. Fuma-os “há pouco tempo”, diz — “62 anos”...

A sua primeira experiência a bordo, decisiva, foi no longínquo ano de 1939, era ele ainda um rapazote de 7 anos. No primeiro cruzeiro que fez com os pais — de fim de ano, à Madeira —, João rendeu-se à vida a bordo: “Ganhei às damas a todos os passageiros, joguei pingue-pongue...” A recordação infantil ficar-lhe-ia na memória.

Perto dos 30, depois de anos de interregno, já casado e farto de trabalhar — “tinha ateliê em Lisboa, Luanda e Rio de Janeiro, trabalhava que nem um urso, não tinha tempo nem

para me lamber” —, decide voltar a trocar terra firme pelo *deck* de um navio. “Era um cruzeiro de vinte e tal dias para Angola, com paragem em São Tomé”, onde Martinez dos Santos era consultor dos Valle Flor. O descanso soube-lhe bem. Nenhum dos clientes o incomodou, ao invés de outras férias, interrompidas a contragosto. O facto de não poder alterar a data de partida e de não o poderem “ir buscar ao meio do mar” fizeram daquele ritual religioso. “Todos os anos, em Dezembro, via os cruzeiros que havia em Agosto e marcava.”

Assim passou a ser, ano após ano, hábito que mantém até hoje, “entre os cruzeiros de poucos dias, a Tânger, à Turquia e ao Egipto” (aqueles que ele chama “vou-ali-e-já-venho”), e um maior, no Verão, “de 18, 20 ou 28 dias”... Para ter uma noção do número de cruzeiros que João já fez na vida basta

multiplicar os seus últimos 47 anos por sete — e chega-se a... 329. Só assim se explica que saiba de cor os números dos seus camarotes preferidos, segundo os navios e as companhias. “O 69 no ‘Funchal’, o 435 no ‘Atena’, o 415 no ‘Danae’”, diz, de cabeça. “Têm todos banheira. Isso é que tem de ser.” Pede sempre “um camarote sem vigia nem janela”, para as mudanças de luz não o incomodarem. E, se puder escolher, “a meio do barco e ao pé do elevador”.

A mulher acompanha-o sempre, “desde que não meta avião”. Assim, João foi conhecendo o mundo — da Polinésia à Austrália, do Mediterrâneo à Turquia, da costa africana às inúmeras travessias transatlânticas Portugal-Brasil. Há quatro anos, embarcou numa viagem de dois meses de volta ao mundo. Partiu de Santo Domingo, na República Dominicana, passou pela Costa Rica, pela Polinésia, pela Austrália, desiludiu-se com o interior arquitectónico da ópera de Sydney, regressou.

A bordo é “uma canseira”. E o dia-a-dia a bordo de um cruzeiro, como é? “Fatigante”, diz, sem se desmanchar, como quem conta uma anedota e não quer estragar o final. “Há 1001 coisas para fazer. Jogar às setas, jogar pingue-pongue, jogar à malha, ir às festas temáticas com máscaras feitas por nós... Depois, há o ‘dia do passageiro’, mais o pequeno-almoço, o almoço, o jantar, a ceia... Mais os espectáculos à noite. E as aulas de dança. E o bingo. Uff, uma canseira.”

Mais a sério, confessa gostar imenso da vida a bordo. “De me levantar à hora que quero, de mandar vir o meu pequeno-almoço, pelas 9h30, de tomar o banhozinho, ir até ao bar beber um Pim’s. Depois almoço no primeiro turno, às 12h30. Mas o melhor disto tudo é reencontrar os amigos, que até certo ponto são sempre os mesmos. E, de vez em quando, também vou à boíte.” E acrescenta: “O que mais gosto nos cruzeiros é do convívio, do ‘sempre-em-festa’. Não é por acaso que lhes chamamos os ‘barcos do amor’... O cruzeiro é a minha casa. Viveria lá o ano inteiro, se não fosse casado.”

E sempre é verdade que estas viagens são só para ricos? O arquitecto desmistifica a questão do preço: “Um cruzeiro transatlântico de 15 dias custa 125 euros por dia, o que dá 1825 euros pelas duas semanas. Se considerarmos que isso inclui viagem, estadia, alimentação e diversão, penso que não é caro, para a minha faixa etária, para quem quer ficar bem instalado e comer várias boas refeições por dia...” João diz lem-

brar-se de uma vez em que uma senhora de idade lhe disse que “preferia mil vezes estar num cruzeiro do que num lar — porque era mais barato, mais divertido, tinha companhia e pessoas a servi-la”.

“Quanto a mim, só fui rico em Angola, quando a minha vida era como jogar ao Monopólio, a comprar casinhas... Gastei dinheiro estupidamente”, conta, abrindo um pouco o livro da sua vida. “Em 1970, em Angola, comecei a urbanizar ao quilómetro 14 e, em vésperas da independência, ia no quilómetro 42... Mas os 4300 contos (hoje 21 mil euros) que estavam na minha conta reverteram a favor do país”, confessa.

Em tantos anos a fazer cruzeiros, o arquitecto do charuto já viveu e presenciou uma série de episódios *sui generis*. Destaca dois: “Certa vez, no meio de uma borrasca louca, no golfo de Leão, no Mediterrâneo, em que a oscilação do navio era tal que só estavam seis pessoas na sala de jantar, jantámos com vista para os cacos — os pratos e os copos estavam todos partidos. E não podíamos sair, porque lá fora estavam dezenas de passageiros deitados, a vomitar... Doutra vez, também numa tempestade, tive de tirar o comandante do navio de baixo do sofá, onde ele tinha ido parar...”

“Cruzeirite” tardia. Ao contrário de João, o empresário José Pico descobriu a paixão pelos cruzeiros há apenas cinco anos. Mas nem por isso as paixões tardias têm de ser menos intensas que as adolescentes... A prova? Desde a primeira viagem em que ele e a mulher embarcaram, para a Rússia, já fizeram 11 cruzeiros. E não dão mostras de abrandar.

Só este ano já vão a caminho do terceiro, depois de uma viagem de 16 dias ao Oriente (Singapura, Indonésia, Malásia e Tailândia) e outra de 11 dias aos Países Bálticos. A próxima, de um mês, tem partida do Canadá e passagem pela Gronelândia e ilhas Faroé, antes de aportar em Calais. “Costumo dizer que apanhámos uma doença chamada ‘cruzeirite’, que só se cura indo aos sítios por onde nunca andámos”, diz José, 71 anos de uma vida cheia de trabalho. Antes de 2009 acabar, ainda farão um minicruzeiro, em Setembro, ao Nilo, e outro, de 20 dias, de Milão ao Dubai. O que perfaz, ao todo, quase dois meses no mar... “É muito bom”, sorri José. Graça, a mulher, de 49 anos, que o acompanha em todas as viagens, assina por baixo. Por ela, passava os três meses de Inverno fora. Não se dá bem com o frio. No resto do ano mantém-se ocupada entre o jardim e os ani-

329 É ESTE O NÚMERO DE CRUZEIROS QUE JOÃO MARTINEZ DOS SANTOS FEZ NOS ÚLTIMOS 47 ANOS. PARA JOSÉ PICO E MULHER, OS CRUZEIROS FORAM UMA DESCOBERTA TARDIA, DA QUAL JÁ NÃO ABDICAM

FOTOGRAFIA ANA BAIÃO / AGRADECIMENTO A CLASSIC INTERNATIONAL CRUISES



mais da quinta onde vivem, em Vila Franca.

É numa das salas, forrada a estantes cheias de objectos trazidos das viagens (de instrumentos musicais a quadros e estatuetas ou artefactos em vidro e cristal), que o casal explica que tudo começou após uma viagem por terra, como tantas outras, sempre com as malas para a frente e para trás. A certa altura, José disse: “Não viajo mais!”

Como a decisão era demasiado drástica para acatar, quando Graça viu o anúncio do cruzeiro à Rússia convenceu o marido a experimentar. Adoraram. Foi há cinco anos. Desde então, já embarcaram em cruzeiros de três meses — e equacionam a possibilidade de se aventurarem no próximo ano na Volta ao Mundo em 127 dias, embora queiram fazer apenas parte do percurso, durante dois meses e meio... O que, mesmo assim, ficará



em 40 mil euros para ambos (os 127 dias custam cerca de 50 mil).

Ah!, o ritual da chegada... “É um bocadinho viciante”, admitem eles. “É uma forma muito confortável de viajar, é muito mais fácil, e encurtam-se as distâncias, o que nos permite conhecer imensos países”, diz Graça. Não é pela vida a bordo que gostam dos cruzeiros, explicam. Até porque é raro irem à piscina, às massagens, ou jogar. “É pelos locais que nos permite conhecer”, confessam. Pelos “fabulosos” 45 dias que passaram no Oriente, especialmente no Japão (para ela), ou na baía de Halong, no Vietname (para ele), onde o nevoeiro à chegada lhe fez lembrar Wagner compondo “O Navio Fantasma”; ou pela visão de Machu Picchu, no Peru; ou do sol a pôr-se no mar ao largo das ilhas suecas; ou

“Prezo sobretudo a ideia de ninguém me poder chatear ou interromper as férias”

dos glaciares do Chile; ou da vista do Pão de Açúcar sobre o Rio de Janeiro... “Estar num cruzeiro é como estar em nossa casa... À noite há espectáculos, de que gostamos muito, e de dia estamos sempre em sítios diferentes”, resume José.

A vida a bordo de um cruzeiro pode ser uma cansaça. “Quando se tem de acordar às 5h da manhã para ir apanhar um autocarro para uma excursão ou um avião...”, por exemplo. Mas tudo compensa quando se cumpre a expectativa de aportar, “o ritual da chegada”. “Há povos que nos ignoram completamente, outros que nos recebem com discursos do Presidente da República...” É desta diversidade que se fazem os dias no interior destes navios. Que, como diz João Martinez, “pode ser tudo o que se quiser”. E quem disse que a vida não pode ser um cruzeiro? ■